

MÃES E FILHAS

PATRICIA BUNIN

- Você não vai esquecer de trazer o espremedor de batatas, vai? - perguntei à minha mãe logo depois de lhe contar que teria de fazer uma mastectomia, Mesmo aos oitenta e dois anos de idade e a quatro mil e oitocentos quilômetros de distância, ela sabia o que eu queria dizer com aquilo: purê de batatas bem ralinho.

Era isso que preparava para mim a cada doença ou percalço de minha infância - servido numa tigela de sopa com uma reluzente colher redonda. Mas eu havia tido sorte quando criança e raramente adoecia. Era mais frequente que aquela batata medicinal resolvesse algum desapontamento ou resfriado.

Desta vez, no entanto, a doença era séria.

Chegando no voo da meia-noite, vindo da Virgínia, minha mãe me pareceu fresca como uma margarida quando passou pela porta de minha casa, na Califórnia, no dia em que voltei do hospital. Eu mal conseguia manter os olhos abertos, mas a última coisa que vi antes de adormecer foi mamãe, abrindo o zíper da mala cuidadosamente arrumada para pegar o espremedor de batatas de sessenta anos de idade. Aquele que ganhou no chá de panelas, com um cabo de madeira já gasto e anos de recordações.

Ela estava na cozinha espremendo batatas para fazer purê no dia em que lhe contei, chorosa, que teria de me submeter a uma quimioterapia. Ela baixou o espremedor e me olhou diretamente nos olhos.

- Fico com você o tempo que for necessário - disse-me ela.

- Não tenho nada mais importante a fazer nesta vida do que ajudá-la a ficar bem. - Eu sempre achava que era a teimosa da família, mas nos cinco meses que se seguiram percebi que herdara essa característica muito honestamente.

Minha mãe decidiu que eu não ia morrer antes dela.

Simplesmente não aceitaria aquilo. Me levava para fazer caminhadas diárias até mesmo quando eu não aguentava passar da entrada da garagem. Amassava as pílulas que eu tinha de tomar e as enfiava em geleias porque, até mesmo na meia-idade e com uma filha crescida, eu não conseguia engolir comprimidos muito melhor do que quando era criança, Quando meus cabelos começaram a cair, ela comprou os chapéus mais engraçadinhos para mim. Me dava refrigerante de gengibre sem gelo numa taça de cristal para acalmar a minha barriga e ficava acordada comigo nas noites de insônia. Servia-me chá em xícaras de porcelana.

Quando eu estava para baixo, ela estava para cima. Quando ela estava para baixo, eu devia estar dormindo. Nunca deixou que eu a visse assim. E, no final, eu fiquei boa. E voltei a escrever.

Descobri que o Dia das Mães não acontece em algum domingo de maio e sim em todos os dias em que se tem a sorte de ter por perto uma mãe que nos ama.

Se eu soubesse como é maravilhoso ter netos, eu os teria antes dos filhos.

LOIS WYSE